

ELSINORE

«Não é todos os dias
que nos cruzamos com
uma autora como esta.»

THE GUARDIAN

ayelet
gundar-goshen

DESPERTAR OS LEÕES

EDIÇÃO ORIGINAL

Título **Leah'ir Arayot**

Texto © **Ayelet Gundar-Goshen**

Publicado por Kinneret Zmora-Bitan Dvir, Israel

Todos os direitos reservados.

EDIÇÃO ELSINORE

Título **Despertar os Leões**

Tradução **Lúcia Liba Mucznik**

Revisão **Raquel Dutra Lopes**

Capa **Wonder Studio**

Paginação **Raquel Silva**

Impressão **Lousanense, Lousã**

Por acordo com The Institute for the Translation of Hebrew Literature.

ISBN 978-989-564-323-3

Depósito legal 477 391/20

1.ª edição janeiro de 2021

© 2021 Elsinore, uma chancela da 20|20 Editora

Todos os direitos reservados.



Rua Alfredo da Silva, 14
2610-016 Amadora – Portugal
Tel. +351 218936000
contacto@elsinore.pt
www.elsinore.pt

 [elsinore.pt](https://www.facebook.com/elsinore.pt)

—

Para o Yoav

[stava precisamente a pensar que aquela era a lua mais bela que
[alguma vez vira quando bateu no homem. No primeiro momen-
to depois do embate, ainda estava a pensar na lua, e assim conti-
nuou até que, de súbito, parou, como uma vela que alguém apagas-
se. Ouve a porta do jipe abrir-se e sabe que é ele próprio quem está
a abri-la e quem agora sai. Mas a apreensão desse conhecimento
pelo corpo é vaga, como a da passagem da língua pelas gengivas
um pouco depois da injeção da anestesia, está lá tudo, mas é dife-
rente. Os seus pés pisam o cascalho do deserto e ele ouve cratch,
cratch após cada passo, e esse som prova-lhe que está realmente
a andar. E algures, no final do passo seguinte, espera-o o homem
em que bateu, daqui não consegue vê-lo, mas ele está lá, mais
um passo e está lá. O pé já está no ar, mas detém-se, procura adiar
o passo seguinte, o último, aquele depois do qual já nada há a fazer
senão olhar para o homem caído na berma da estrada. Se ao menos
fosse possível suspender esse passo, mas é óbvio que não é possí-
vel suspendê-lo, tal como não é possível suspender o momento que

o precedeu, o momento preciso em que o jipe bateu no homem, quer dizer, o momento preciso em que o condutor do jipe bateu no peão. Este homem, o peão, só o passo seguinte revelará se ainda é homem ou já outra coisa, expressão que, só de pensar nela, faz a sua a perna ficar suspensa no ar, a meio do passo, pois é possível que o passo chegue ao fim e ele descubra que o peão já não é um peão ou, sequer, um homem, apenas o invólucro de um homem, um invólucro rachado sem homem. E, se o homem que está deitado deixou de ser um homem, é difícil imaginar o que será do homem que está de pé, a tremer, incapaz de terminar um simples passo. O que será dele.

PRIMEIRA PARTE

Poeira por todo o lado. Uma camada branca, fina, como a da cobertura de um bolo de aniversário que ninguém quer. Acumulava-se nas folhas das palmeiras no largo principal, árvores adultas que tinham sido trazidas em camiões e plantadas na terra, porque ninguém acreditava que pequenos rebentos conseguissem pegar ali; cobria os cartazes das eleições municipais, que três meses depois ainda flutuavam nas varandas das casas: homens carecas de bigode contemplando por detrás da poeira os potenciais eleitores, alguns com um sorriso autoritário, outros com uma expressão séria, tudo em conformidade com a recomendação do consultor de imagem de serviço. Poeira nos cartazes de propaganda; poeira nas paragens de autocarro; poeira na buganvília que ladeia os passeios, a desfalecer de sede; poeira em todo o lado.

E, no entanto, parece que ninguém se pronuncia sobre o assunto. Os habitantes de Be'er Sheva acostumaram-se à poeira, tal como a tudo o resto — desemprego, crime, jardins públicos semeados de cacos de garrafas de vidro. Os habitantes da cidade continuavam

a despertar para ruas empoeiradas, iam para trabalhos empoeirados, tinham relações sexuais debaixo de mantas de pó e pariam filhos cujos olhos refletiam o pó. Por vezes perguntava-se qual odiaria mais: ase a poeira, se os habitantes de Be'er Sheva. Provavelmente a poeira. Os habitantes de Be'er Sheva não lhe cobriam o jipe todas as manhãs. A poeira sim. Uma camada branca, fina, que descorava o vermelho-vivo do jipe, transformando-o em cor-de-rosa desbotado, uma paródia de si mesmo. Furioso, Eytan estendeu o dedo para o vidro e apagou um pouco da vergonha. O pó ficou colado ao dedo mesmo depois de o esfregar nas calças, e ele sabia que teria de esperar até lavar as mãos no hospital Soroka para voltar a sentir-se limpo. Que se foda esta cidade.

(Às vezes ouvia os seus pensamentos e assustava-se. E então recordava a si próprio que não era racista. Que votava no Meretz¹. Que era casado com alguém cujo nome, antes de se tornar Liat Grin, era Liat Samucha². Depois de lembrar tudo isto, sossegava um pouco e prosseguia a odiar aquela cidade de consciência tranquila.)

Quando entrou no carro, fez questão de não tocar em nada com o dedo sujo, como se este não fizesse parte do seu corpo e fosse o exemplar de uma biópsia que segurava na mão para fins de ilustração, e que daí a pouco pousaria em frente do Prof. Zakhai para poderem examiná-la em conjunto com olhares concupiscentes — diz-me quem és! Mas o Prof. Zakhai estava naquele momento a muitos quilómetros dali, a acordar numa manhã sem pó nas ruas verdejantes de Raana-na, a entrar calmamente no seu *Mercedes* prateado que abre caminho para o hospital por entre os engarrafamentos do centro do país.

Enquanto corria pelas ruas desertas de Be'er Sheva, desejou ao Prof. Zakhai pelo menos hora e meia a transpirar parado no

¹ À letra, «vigor», «energia». Partido político israelita de esquerda, fundado em 1992, a partir da fusão de três outros partidos. [N. T.]

² Alusão à divisão na sociedade israelita entre judeus europeus e judeus do Norte de África e do Oriente. [N. T.]

cruzamento Gueha, com o ar condicionado avariado. Mas sabe muito bem que o ar condicionado dos *Mercedes* não se avaria e que os engarrafamentos no cruzamento Gueha não passam de uma doce recordação do que deixou para trás quando se mudou para aqui — a grande cidade. Um lugar para onde todos querem ir. Sim, era verdade que em Be'er Sheva não havia engarrafamentos, e ele não se cansava de o repetir em todas as conversas com conhecidos da região centro. Porém, quando o fazia — com um sorriso calmo espalhado no rosto e um olhar transparente de homem nobre do deserto —, pensava sempre que no cemitério também não há engarrafamentos, e que, no entanto, não fixaria aí a sua residência. As casas ao longo da Avenida Reguer lembravam, de facto, um cemitério. Uma fila sombria e uniforme de blocos de pedra que em tempos tinham sido brancos e que, agora, eram cinzentos. Lápides enormes em cujas janelas se viam de vez em quando rostos cansados, empoeirados, deste ou daquele fantasma.

No parque de estacionamento do hospital Soroka, encontrou o Dr. Zandorf, que lhe sorriu abertamente e lhe perguntou:

— Como está hoje o Dr. Grin?

E ele extraiu das suas entranhas um sorriso cansado, espalhou-o o melhor que pode e respondeu:

— Tudo bem.

Em seguida, entraram os dois pelos portões do hospital, trocando o clima e a hora que a natureza lhes impunha pela insolente imposição do sistema de ar condicionado e de iluminação que lhes prometiam uma manhã eterna e uma primavera imutável. Na entrada do serviço, Eytan separou-se do Dr. Zandorf para uma lavagem prolongada do dedo sujo de pó no lavatório, até que uma enfermeira jovem passou por ele e lhe disse que tinha dedos de pianista. É verdade, pensou, tinha dedos de pianista. As mulheres sempre lho tinham dito. Mas as únicas cordas em que tocava

com eles eram neurónios defeituosos, aparados, os quais dedilhava com os dedos envoltos em luvas a fim de ver que melodia podia retirar deles, se era que podia.

É um instrumento de música estranho, o cérebro. Nunca se sabe ao certo que som produzirá quando se toca nesta ou naquela tecla. É óbvio que existe uma elevada probabilidade de que, se estimularmos o lobo occipital por meio de uma ligeira corrente elétrica, o homem à nossa frente testemunhe ter visto cores, ao passo que a pressão dos neurónios do lobo temporal conduzirá — quase certamente — à ilusão de sons e vozes. Mas que sons? E que visões? E é aqui que a coisa se complica. Pois embora a ciência tenha um gosto pronunciado por leis gerais, uniformes, os homens, ao que parece, gostam de se diferenciar uns dos outros. Com que absurda obstinação teimam em criar sintomas novos, diferentes, que, mesmo quando não passam de variações de um único tema musical, são demasiado distantes entre si para poderem ser amalgamados numa única expressão geral. Dois doentes com danos no córtex orbitofrontal nunca terão a gentileza de coordenar os seus efeitos secundários. Um comportar-se-á com rudeza e grosseria, enquanto o outro se tornará um galhofeiro compulsivo. Um fará comentários sexuais de mau gosto, enquanto o outro terá uma necessidade incontrolável de agarrar qualquer objeto que esteja ao seu alcance. Certo, a explicação para os perplexos membros da família será a mesma: por uma qualquer razão (acidente de viação? Tumor canceroso? Medicamento errado?), o córtex orbitofrontal responsável pela regulação do comportamento foi atingido. Do ponto de vista neurocognitivo, está tudo certo: a memória funciona e as capacidades de raciocínio mantêm-se iguais. Mas o homem que conhecemos já não existe. Quem o substituirá? Não é claro. Ponto. A partir daqui — um mundo de aleatoriedade. A aleatoriedade, como grande vadia que é, dança entre as camas do serviço, cospe

para as batidas dos médicos, faz cócegas nos pontos de exclamação da ciência até que estes baixam a cabeça e se arredondam em pontos de interrogação.

— Mas então como é que se pode saber o que quer que seja?! — exclamou uma vez para o estrado de madeira da sala de conferências.

Passaram quinze anos desde então, e ele ainda se lembra da fúria que se apoderou dele quando, numa tarde sonolenta, percebeu que a profissão que estava a aprender não era mais exata do que qualquer outra. A estudante que adormecera ao lado dele acordou em sobressalto ao ouvi-lo gritar e lançou-lhe um olhar hostil. O resto da turma aguardou que o catedrático prosseguisse com a sua alocução que constaria da matéria do exame. O único que não se incomodou com a questão foi o próprio Prof. Zakhai, que o olhou com uma expressão divertida por cima do pódio dos conferencistas.

— E como se chama o senhor?

— Eytan. Eytan Grin.

— A única forma de saber algo, Eytan, é estudando a morte. A morte ensina-nos tudo o que precisamos de saber. Veja, por exemplo, o caso de Henry Molaison, doente epilético do Connecticut. Em 1953, Sackville, o neurocirurgião, mapeou os centros de epilepsia nos dois lobos temporais, e Henry Molaison foi submetido a uma operação para remover as zonas responsáveis pela doença, entre as quais o hipocampo. Sabe o que aconteceu a seguir?

— Morreu?

— Sim e não. Henry Molaison não morreu, porque acordou da operação e continuou a viver. Mas, por outro lado, Henry Molaison morreu de facto, porque a partir do momento em que acordou da operação deixou de conseguir criar qualquer memória nova. Não conseguia apaixonar-se, guardar rancor ou ser exposto a uma ideia nova durante mais de dois minutos, porque após esses dois minutos o objeto de amor, o rancor ou a ideia nova pura e simplesmente

apagavam-se. Tinha 27 anos quando foi operado e, embora só tenha morrido aos 82, ficou para sempre com 27. Sabe, Eytan, só depois de lhe tirarem o hipocampo é que descobriram que este era responsável pelo armazenamento de memórias a longo prazo. Precisamos de esperar pela morte de algo para percebermos o que antes funcionava bem. Este é o método mais elementar na investigação sobre o cérebro; não podemos começar a desmembrar o cérebro das pessoas para ver o que acontece, temos de esperar que o acaso o faça para nós. Só então os cientistas, como um bando de necrófagos, se atiram ao que resta depois de o acaso cumprir a sua função e tentam chegar àquilo que você tanto deseja: saber alguma coisa.

Teria sido ali, naquela sala de conferências, que lhe foi acenado o isco? Seria que já então o Prof. Zakhai sabia que o estudante, aplicado, fascinado, o seguiria como um cão fiel para todo o lado? Mal vestiu a bata branca, Eytan riu-se da sua ingenuidade. Ele, que não acreditava em Deus, que mesmo em miúdo não acreditava nas histórias que tivessem algum elemento de sobrenatural, por mínimo que fosse, transformou o conferencista num deus vivo. E quando o cão fiel recusou fingir-se de morto, surdo-mudo-cego, o deus vivo lançou sobre ele todo o seu ódio, expulsou-o do paraíso de Telavive para aquele deserto, para o hospital Soroka.

– Dr. Grin?

A jovem enfermeira parou ao lado dele e relatou-lhe os acontecimentos da noite. Ele escutou-a mais ou menos atentamente e foi preparar um café. Ao passar pelo corredor, deitou uma olhadela rápida aos doentes – uma mulher jovem sufocada num choro silencioso. Um homem russo de meia-idade a jogar sudoku apesar do tremor da mão. Quatro membros de uma família de beduínos vidrados na televisão que os observava de cima. Eytan olhou de soslaio para o ecrã – uma chita determinada a triturar os últimos restos de carne do que antes fora, segundo o locutor, uma raposa de

cauda vermelha. Eis a prova de como toda a vida está condenada à aniquilação, facto que era proibido mencionar nos corredores do hospital, e que podia ser dito livremente no ecrã da televisão. Se o Dr. Eytan Grin andasse por esta selva de betão chamada Soroka a falar literalmente da morte, os doentes ficariam loucos. Choro, gritos, ataques à equipa médica. Vezes sem conta ouviu um paciente emocionado chamar-lhes «anjos de branco». E, embora ele soubesse que por baixo da bata branca não havia anjos, mas pessoas de carne e osso, não quisera ser picuinhas. Se as pessoas precisam de anjos, quem é ele para as impedir? Que mal tem que uma enfermeira compassiva tenha escapado por uma unha negra à acusação de negligência por ter despejado na garganta de um doente de rouquidão o medicamento destinado a outro rouco? Os anjos também se enganam, sobretudo quando não dormem há 23 horas. E quando os familiares, desgostosos e zangados, atacavam um interno atemorizado ou uma especialista apavorada, Eytan sabia que eles fariam o mesmo a anjos verdadeiros, arrancar-lhes-iam as penas das asas para que não mais pudessem voar nos resplandecentes reinos celestes, enquanto o familiar adorado era chutado para a escuridão da terra. Mas todas aquelas pessoas que nem de relance conseguiam encarar a morte observavam-na agora calmamente, quase com simpatia, a espalhar o terror na savana africana. Porque já não eram apenas os beduínos a olhar para o ecrã — o homem russo também tinha abandonado o sudoku e erguido o pescoço, e até a mulher que chorava deu uma olhadela à cena através das pestanas enfeitadas de lágrimas. A chita mastigava vigorosamente os restos da carne da raposa de cauda vermelha. O locutor falava da seca. Na ausência de chuva, os animais da savana começarão a comer as suas crias. No serviço de neurocirurgia, as pessoas observavam fascinadas a descrição rara, transmitida pelo locutor, de um leão africano a devorar as suas crias, e Eytan Grin tinha a plena convicção de que não

era pela morfina que tinha de agradecer aos deuses da ciência, mas pelo *Toshiba* de 33 polegadas.

Quatro anos antes, uma paciente calva chamara-lhe cínico e cuspira-lhe na cara. Ainda se lembrava da sensação da saliva a escorrer pelas face. Era uma mulher jovem, não particularmente bonita; e, no entanto, andava pelo serviço com um ar de rainha, os doentes e as enfermeiras afastavam-se para ela passar, sem darem por isso. Um dia, na visita matinal, quando se aproximou da cama dela, ela chamou-lhe cínico e cuspiu-lhe na cara. Em vão procurou entender o que levava à cuspidela. Nas visitas anteriores, as perguntas dele tinham sido concretas e as respostas dela, curtas. A paciente nunca se dirigira a ele no corredor. Foi justamente por não encontrar motivo que o ato o marcou. Contra a sua vontade, começou a ter pensamentos mágicos sobre cegos que começam a ver bem, sobre mulheres calvas a quem a morte próxima arma com uma sabedoria de raio X que penetra o coração e os rins. Nessa noite, na cama de casal a cheirar a sémen, perguntou a Liat:

— Eu sou cínico?

Ela riu-se e ele ficou ofendido.

— A esse ponto?

— Não — disse ela, e beijou-lhe a ponta do nariz —, não mais do que os outros.

E, de facto, não era cínico. Não mais do que os outros. O Dr. Eytan Grin não se cansou dos seus doentes nem mais, nem menos do que a média habitual nos serviços. E, no entanto, foi exilado para lá do oceano de pó e areia, afastado do seio do hospital no centro para o desolado deserto de betão de Soroka. *Idiota*, murmurou para si enquanto lutava para ressuscitar o aparelho de ar condicionado que roncava no seu gabinete. *Idiota e ingénuo*. Pois não seria idiotice um génio da Medicina lançar-se num confronto frontal com o seu chefe? Não seria a idiotice mais refinada que existe teimar na sua

razão até quando o chefe — padrinho do tal génio desde os tempos da universidade — o avisara para ter cuidado? Que novas formas de idiotice teria o tal génio médico conseguido inventar quando, numa pálida imitação de assertividade, bateu na mesa e disse:

— Isso é suborno, Zakhai, e eu vou denunciá-lo!

E quando se dirigiu ao diretor do hospital e lhe revelou os envelopes com dinheiro e as operações urgentes fora da lista de espera que se lhes seguiram, teria sido realmente parvo a ponto de acreditar na expressão de surpresa dos olhos dele?

E o pior de tudo era que voltaria a fazê-lo. Tudo. De facto, por pouco não repetira as suas palavras quando, duas semanas depois, descobriu que a única coisa que o diretor do hospital fizera fora tratar da sua transferência.

— Vou avançar com o caso para a comunicação social — disse a Liat —, vou armar uma confusão tal que eles não me poderão calar.

— Muito bem — disse ela —, mas só depois de pagarmos o jardim-infantil do Yaheli, o carro e o apartamento.

Diria mais tarde que a decisão era dele, que o apoiaria em tudo o que ele decidisse. Mas ele lembrou-se do modo como o castanho dos seus olhos mudara instantaneamente de mel para noz dura, e de como se revirara na cama toda a noite, a lutar nos sonhos com terrores cuja natureza ele adivinhava. Na manhã seguinte, entrou no gabinete do diretor do hospital e aceitou a transferência.

Passados três meses, já ali estavam, em Omer, na vivenda caiada de branco. Yaheli e Itamar brincavam na relva. Liat hesitava sobre onde pendurar os quadros. E ele estava parado a olhar para a garrafa de uísque que os colegas do serviço lhe tinham oferecido na despedida, sem saber se devia rir ou chorar.

Acabou por levar a garrafa para o hospital e pousá-la na prateleira entre os diplomas. Porque, tal como os diplomas, também simbolizava algo. Uma época que terminara, uma lição aprendida.

Quando calhava ter alguns minutos entre um doente e outro, pegava na garrafa e estudava-a, detinha-se longamente no cartão de votos. «Para o Eytan, boa viagem.» Parecia que as palavras faziam pouco dele. Conhecia bem a caligrafia do Prof. Zakhai, pontinhos Braille que, durante os seus estudos na universidade, punham os estudantes quase a chorar.

- Pode repetir o que escreveu?
- Prefiro que a senhora estudante aprenda a ler.
- Mas não se entende bem.
- A ciência, meus senhores, é uma coisa difícil de entender.

E todos resmungavam e escreviam, despejavam a sua fúria nos comentários particularmente virulentos de fim de ano, que nunca alteravam fosse o que fosse. No ano seguinte, o Prof. Zakhai voltava ao auditório com a sua indecifrável escrita de caganitas de pombo. O único que se alegrava ao vê-lo era Eytan. Aos poucos, com uma perseverança entusiástica, aprendeu a decifrar a letra de Zakhai, mas a figura do professor permaneceu uma incógnita total.

«Para o Eytan, boa viagem.» O cartão de desejos continuava pendurado na garrafa de uísque num abraço eterno que causava vômitos a Eytan. Várias vezes pensou em rasgar o cartão e em deitá-lo para o lixo, talvez até livrar-se da garrafa. Mas, no último momento, detinha-se sempre, analisava as palavras do Prof. Zakhai com a mesma concentração com que, na juventude, analisava uma equação complexa.

Tinha trabalhado demais naquela noite e sabia-o. Doíam-lhe os músculos. As chávenas de café só faziam efeito durante meia hora. Escondia com a mão os bocejos que ameaçavam engolir a sala de espera inteira. Às oito, telefonou para dar as boas noites aos filhos e estava tão cansado e enervado que magoou Yaheli. O miúdo pedira-lhe que imitasse a voz do cavalo e ele respondeu «agora não» num

tom que os assustou aos dois. Depois foi Itamar que se apropriou da conversa, perguntou como correria o trabalho e se voltaria tarde, e Eytan teve de se lembrar que aquele miúdo atento, fácil de apaziguar, ainda não tinha 8 anos. Enquanto falava com Itamar, ouvia ao fundo as fungadelas do Yaheli, provavelmente tentando que o irmão mais velho não notasse que estava a chorar. No fim da conversa, estava ainda mais cansado e sentia-se muito culpado.

Quase sempre que pensava nos filhos sentia-se culpado. Fizesse o que fizesse, sentia que era sempre pouco, demasiado pouco. Havia sempre a possibilidade de que aquela conversa em que se recusara terminantemente imitar o relinchar do cavalo fosse justamente aquela de que Yaheli se lembraria anos mais tarde. Pois são precisamente essas as coisas de que ele se lembra desses anos — não de todos os abraços que recebeu, mas justamente daqueles que lhe foram recusados. Quando desatou a chorar na visita ao laboratório do pai na Universidade de Haifa, quando a mãe se limitou a estar lá com todos os visitantes e lhe sussurrou que devia ter vergonha. E é bem possível que o tenha abraçado depois. Ou que tenha retirado da mala um substituto do abraço de cinco *shekels* e o tenha mandado consolar-se com um gelado. Não importa. Não ficou registado. Tal como não se recorda de todas as vezes em que saltou da árvore do pátio e foi bem acolhido pela terra, guardando na memória apenas aquela em que caiu e partiu uma perna.

Como todos os pais, sabia não haver remédio. Que estava destinado a desiludir o filho. E tal como todos os pais, também ele acalentava a esperança secreta de que talvez assim não fosse. Talvez com eles aquilo não acontecesse. Talvez ele conseguisse dar a Itamar e a Yaheli precisamente o que eles precisavam. Sim, as crianças choram de vez em quando, mas com ele chorariam apenas e unicamente quando tivessem mesmo de chorar. Porque fizeram asneira da grande, não por causa dele.

Andava pelo corredor do serviço, debaixo das chamas geladas da luz fluorescente, a tentar pensar no que estava a passar-se agora em casa. Itamar está no seu quarto, a ordenar os dinossáurios do maior ao mais pequeno. Yaheli já deve ter-se acalmado. Este miúdo é como Liat, aquece e arrefece depressa, não é como Itamar que, quando se zanga, é como a comida de *Shabat*, que fica a cozer em lume brando durante dois dias. Sim, Yaheli já sossegou. Está sentado no sofá a ver *A Marcha dos Pinguins* pela milésima vez. Eytan conhecia o filme de cor. As anedotas do narrador, o tema musical e até a ordem dos créditos no fim. E conhecia Yaheli tão bem ou melhor do que o filme: quando ria, quando recitaria com o narrador uma piada preferida, quando espreitaria o ecrã atrás da almofada. As partes cómicas faziam-no rir sempre de novo, e as assustadoras assustavam-no de cada vez como se fosse a primeira, o que era estranho, pois quanto poderemos rir de uma piada que conhecemos, e quanto medo poderemos ter da emboscada de uma foca quando sabemos com toda a certeza que, no fim, o pinguim consegue trocar-lhe as voltas e fugir? E, no entanto, no momento em que a foca aparecia, Yaheli escondia-se atrás da almofada e de lá seguia de longe o pinguim. E Eytan observava-o a olhar para o pinguim, a pensar quando é que aquela cassette seria finalmente abandonada, quando é que as crianças deixam de pedir o conhecido e começam a pedir o novo.

E, pelo contrário, que prazer e que cómodo é saber logo no princípio do filme como é ele que vai acabar. E como a perigosa tempestade do minuto 32 se torna muito mais suportável quando sabemos que acalma no minuto 43. Isto para não falar nas focas e nas gaviotas e em todos os conspiradores que cobiçam o ovo que a rainha dos pinguins pôs e que não conseguem caçar, e quando finalmente a emboscada da foca falha, como era sabido que falharia, Yaheli bate palmas, tira a cara de trás da almofada e diz:

— Pai, posso beber um leite com chocolate?

Podes, claro que podes. No copo violeta, não aceita beber noutro. Três colheres de chá de *Choco Lite*, misturar muito bem para não deixar grumos. Lembrar a Yaheli que, se beber agora, não pode beber mais tarde, não é saudável. Saber que, daí a duas horas, acordará e voltará a pedir. E que há boas possibilidades de que o receba, porque Liat não suporta ouvi-lo chorar. Perguntar-se como é que ele próprio consegue suportá-lo. Será por ser um educador fora de série, um pai autoritário e firme, ou será por outra razão?

Quanto a Itamar, apaixonou-se por ele logo à nascença. Com Yaheli levou algum tempo. Não falava do assunto. Não é algo que se diga sobre os filhos. Sobre as mulheres é possível. Por exemplo: saímos há um mês. Ainda não me apaixonei por ela. Mas quando é o nosso filho, é suposto gostarmos dele logo à nascença. Mesmo que ainda não o conheçamos. Com Itamar foi, de facto, assim. Ainda antes de o lavarem e de lhe ter visto a cara, já tinha um lugar no seu coração. Talvez por nas semanas que precederam o nascimento não ter feito mais nada senão arranjar lugar para ele. Lugar nos armários para a roupa, nas gavetas para os brinquedos, nas prateleiras para as fraldas. E, quando Itamar finalmente chegou, entrou naquele lugar com a maior das naturalidades, instalou-se e não se mexeu.

Ou, pelo menos, foi assim com Eytan. Com Liat foi um pouco mais difícil. Concluíram era por causa das dores e da queda do nível das hormonas, e que se ela não parasse de chorar daí a dez dias, iriam ao médico. Ela deixou de chorar em menos de dez dias, mas levou algum tempo até começar a sorrir. Não falaram sobre isso porque não havia sobre o que falar, mas ambos sabiam que Eytan gostara logo de Itamar, e que Liat se juntou a ele passadas duas semanas. Com Yaheli foi o contrário. E ficou sempre pendente a questão de saber se o progenitor que se juntou mais tarde contagiou o amor do outro numa corrida culpada e ofegante. E se este progenitor avança agora com o mesmo ritmo ou se continua atrasado.

Seis horas mais tarde, quando conseguiram estabilizar os feridos do acidente no deserto de Arava, Eytan despiu finalmente a bata.

— Parece arrasado — disse a jovem enfermeira —, e se dormisse aqui?

Eytan estava demasiado cansado para enfrentar os sentidos ocultos que aquelas palavras podiam ou não ter. Agradeceu delicadamente à enfermeira, molhou a cara e saiu para o ar da noite. Logo ao primeiro passo sentiu o que 19 horas de ar condicionado o tinham feito esquecer: o calor do deserto incómodo e poeirento. O zunzum fraco dos corredores do hospital — a sinfonia delicada dos zumbidos dos monitores e dos toques dos elevadores — foi instantaneamente substituído pelos sons da noite de Be'er Sheva. Os grilos estavam demasiado suados para cricilar. Os gatos de rua, demasiado secos para miar. Só o rádio no apartamento do outro lado da rua gritava obstinadamente uma canção *pop* conhecida.

Através do portão do hospital já se via o parque de estacionamento vazio, e Eytan quase desejou que alguém lhe tivesse roubado o jipe. Liat iria aos arames, é óbvio. Poria em ação os seus contactos, lançaria pragas aos beduínos como só ela sabia fazer. Depois viria o dinheiro do seguro e ela teimaria em que comprassem um novo. Mas desta vez ele diria não e não, o tal «não» que não ousara dizer antes, quando ela insistira em mimá-lo por ocasião da transferência. Ela tinha dito «mimar» e não «compensar», mas ambos sabiam que era o mesmo.

— Vamos rasgar com ele pelas dunas perto de Be'er Sheva — dissera-lhe. — Vais fazer um doutoramento em condução todo-o-terreno.

Aquilo quase lhe parecera bem quando ela o disse e, nos primeiros dias do empacotamento, ainda se consolou com a ideia das

subidas inclinadas e descidas a pique. Mas quando chegaram a Be'er Sheva, Liat mergulhou no novo trabalho, e os passeios de jipe ao sábado pareciam mais distantes que nunca. Ao princípio tentou sugerir a Sagui e a Nir que se lhe juntassem, mas, a partir do momento em que deixou o hospital, as conversas com eles tornaram-se tão espaçadas que a própria ideia de se divertirem em conjunto começou a parecer-lhe estranha. O jipe vermelho habituou-se rapidamente a passar de lobo da estrada a caniche domesticado e, à exceção do ligeiro rugido que emitia quando acelerava à saída de Omer, era semelhante em tudo a qualquer carro de subúrbio. Com o passar das semanas, Eytan odiava-o cada vez mais e então — quando o viu atrás da cabina do guarda — por pouco não lhe deu um pontapé no para-choques.

Ao abrir a porta, ficou surpreendido por descobrir que estava desperto. Uma última reserva de noradrenalina soltou-se naquele preciso momento de alguma prateleira esquecida no cérebro, incutindo-lhe um novo e inesperado acesso de energia. A lua cheia lá em cima brilhava com a alvura da promessa. Quando pôs o jipe em movimento, o motor rugiu a pergunta: será esta noite?

Virou imediatamente o volante para a esquerda, em vez de para a direita, e acelerou em direção às colinas, a sul da cidade. Uma semana antes da mudança, lera na Internet acerca de um trilho de jipes particularmente desafiador, não muito longe do *kibutz* Tlalim. Àquela hora, com as estradas livres, chegaria lá em 20 minutos. Conseguia ouvir o ronronar de prazer do motor quando o velocímetro ultrapassou os 120. Pela primeira vez em semanas, Eytan deu por si a sorrir. O sorriso transformou-se em prazer real quando, passados apenas 18 minutos, descobriu que o trilho perto do *kibutz* Tlalim merecia justamente a sua reputação. A enorme lua inundava a estrada de terra branca e os pneus do jipe galoparam em frente para profundezas do deserto. Passados 400 metros, pararam com um ranger de

travões. No meio da estrada estava um porco-espinho gigantesco. Eytan estava convencido que ele fugiria, mas o animal ficou parado a olhar para ele. Nem sequer eriçou os espinhos. Tinha de contar aquilo a Itamar. Pensou em sacar do telemóvel para fotografar, mas sabia que isso só prejudicaria a história. O porco-espinho à sua frente tinha menos de um metro de comprimento, enquanto que aquele que descreveria a Itamar teria, pelo menos, um metro e meio. Este porco-espinho não eriça os espinhos, enquanto o outro os dispararia em todas as direções. O porco-espinho que ali estava não pronunciava uma palavra, enquanto o da história perguntaria:

— Perdão, pode dizer-me por favor que horas são?

Eytan sorriu para si próprio ao imaginar o riso de Itamar. Quem sabe se não repetiria a história aos amigos da turma, fazendo com que eles ficassem fascinados por ele graças ao porco-espinho encantado. Mas Eytan sabe que é preciso muito mais do que um porco-espinho do deserto para quebrar a parede de vidro que separa o seu filho do resto dos miúdos. Nunca entendeu de onde Itamar herdara aquela introversão. Nem ele, nem Liat alguma vez haviam sido dos que olham para a vida de lado. Ambos tinham, é verdade, uma certa dose de distância, por vezes até alguma arrogância, mas sempre o fizeram às escondidas. Por exemplo, dançarem numa festa e, ao mesmo tempo, fazerem pouco dos outros dançarinos. Ou divertirem-se e rirem num jantar com outros casais, e depois cortarem-lhes na casaca no caminho para casa. Com Itamar era diferente. O filho olhava para o mundo de fora. E apesar de Liat dizer sempre que não valia a pena aprofundar, é assim que ele gosta, Eytan não estava minimamente convencido de que fosse uma escolha. Não era que fosse ostracizado. Tinha Nitai. Mas era tudo. (O que está muito bem, repetia Liat, há crianças com muitos amigos, e outras que preferem uma relação mais íntima.) O que não descansava Eytan, que se esforçava por ser amável para Nitai, propunha

mandar vir pizza, mimá-lo com um filme, tudo para o satisfazer. E, ao mesmo tempo, observava atentamente os olhos dele — será que ele quer mesmo estar aqui ou será que esta visita não passa de condescendência (porque um outro miúdo não pode hoje; porque a mãe dele decidiu aproveitar para dar um salto lá a casa e aconselhar-se com ele sobre algum assunto médico). Aquilo punha Liat fora de si:

— Acaba lá com essas pizzas. Ainda vai pensar que lhe compras os amigos, quando na verdade é graças a ele próprio que o tem.

Talvez ela tivesse razão. Talvez ele devesse deixá-lo em paz. Não havia quaisquer sinais de que Itamar fosse infeliz na escola. E, no entanto, preocupava-se. Porque ele, Eytan, não era assim. Quando todos os rapazes saíam para a praceta na sexta-feira à noite, ele também lá estava. Não no centro, mas estava lá. E o seu filho, não. E embora aquilo não devesse fazer-lhe diferença, fazia. (E talvez não fosse a preocupação por Itamar que o movia, mas o medo da desilusão que poderia sentir frente ao seu filho. Justamente por serem tão semelhantes nas outras coisas. Quase como gémeos siameses. Por isso, pegou naquela desilusão, fechou-a num quarto secreto e trancou a porta. Mas ela ainda podia surgir subitamente, diante de Itamar, sem que ele tivesse a menor intenção de a sentir.)

Fora do jipe, o porco-espinho virou costas e continuou a andar. Eytan viu-o afastar-se. Devagar, insolente, a arrastar os espinhos. Viu-o desaparecer entre as rochas escuras. À sua frente, o caminho estava novamente vazio, convidativo. De repente, sentiu que aquela paragem lhe tornara clara a sua fome de movimento. De galopar em frente. Mas, um momento: uma boa corrida precisa de banda sonora. Durante um longo momento hesitou entre Janis Joplin e os Pink Floyd, antes de decidir que não havia como os gritos atormentados de Joplin para uma aventura noturna como aquela. E ela gritava mesmo, no volume máximo, e o motor também, e pouco

tempo depois Eytan juntou-se-lhes — berrou com entusiasmo na descida louca, berrou de desafio quando atacou a subida, berrou com total libertação na curva junto da colina. E depois calou-se (Janis Joplin continuou, que incríveis as cordas vocais daquela mulher) e continuou a conduzir, e quando ela lhe parecia demasiado solitária juntava-se-lhe no refrão. Havia anos que não gozava tanto sozinho, sem alguém com quem partilhar o deslumbramento, sem alguém que ecoasse a sua alegria. Pelo retrovisor deu uma olhadela à lua, enorme e gloriosa.

E estava precisamente a pensar que aquela era a lua mais bela que alguma vez vira quando bateu no homem. No primeiro momento após o embate ainda estava a pensar na lua, e assim continuou até que, de súbito, parou, como uma vela que alguém apagasse.

No primeiro momento, a única coisa em que é capaz de pensar é no quanto precisa de cagar. Uma necessidade urgente, absoluta, que só com enorme dificuldade consegue conter. Como se as entranhas se tivessem afundado, caído instantaneamente, e, de um momento para o outro, tudo fosse irromper de dentro delas descontroladamente. E então, de repente, o corpo desligou-se. O cérebro passou para piloto automático. Deixou de sentir a vontade de cagar. Deixou de pensar se chegaria à próxima respiração.

Era eritreu. Ou sudanês. Ou sabe-se lá o quê. Um homem de uns 30 ou 40 anos, nunca conseguira determinar com certeza a idade daquela gente. No final de um safari no Quênia, dera uma gorjeta ao homem que conduzira o jipe. A gratidão do homem lisonjeou-o, e ele acrescentou umas quantas perguntas de circunstância com uma cordialidade em que naquele momento acreditou. Perguntou-lhe o nome e a idade e quantos filhos tinha. Chamava-se Hosu, tinha três filhos e a mesma idade de Eytan, embora parecesse dez anos mais velho. Aquela gente nasce velha e morre jovem, e no

meio não havia o que dizer. Quando lhe perguntou a data exata do nascimento descobriu que tinham nascido com a diferença de um dia. Aquilo não tinha qualquer significado, mas mesmo assim. Agora este homem, de 40 ou talvez 30 anos, está caído por terra com a cabeça esmagada.

Janis Joplin implorava-lhe que levasse mais um bocado do coração dela, mas ele ajoelhou-se no chão e colou a cabeça aos lábios rachados do eritreu. Um médico do hospital Soroka que terminou o turno às duas da manhã após 19 horas de trabalho. Em vez de ir para casa descansar, decidiu testar a performance do seu jipe. No escuro. A alta velocidade. Quantos anos se leva por uma coisa destas? Eytan olhou suplicantemente para o buraco aberto na cabeça do homem, mas os dois lados do crânio não mostraram a mínima intenção de se unirem de forma milagrosa. No exame final do quinto ano, o Prof. Zakhai perguntou-lhes o que fazer perante um paciente com o crânio aberto. Eles roeram as canetas, trocaram sussurros mas todos falharam.

— O vosso problema é pensarem que é possível fazer alguma coisa — disse Zakhai, quando as objeções começaram a amontoar-se na sua secretária. — Quando a calvária é esmagada e há um dano neurocirúrgico extenso, a única coisa a fazer é beber café.

Mas, apesar disso, Eytan mediu o pulso, que era rápido e fraco, examinou o tempo de enchimento capilar, que era espantosamente lento, e confirmou com ridículo rigor que as vias respiratórias estavam desimpedidas. Que se lixe, não pode ficar ali a ver aquele homem morrer.

— Vinte minutos — ecoou calmamente a voz de Zakhai. — Nem mais um segundo. A não ser que tenhas começado a acreditar em milagres.

Eytan voltou a examinar a ferida na cabeça do eritreu. Era preciso muito mais do que um milagre para voltar a tapar a matéria

cinzenta que se via por baixo das mechas de cabelo: neurónios nus, expostos, que brilhavam ao luar. Dos ouvidos do homem escorria sangue, claro e aguado devido aos fluidos da medula cerebral que já tinham começado a destilar do crânio rachado. Apesar disso, Eytan levantou-se, correu para o jipe e voltou com a mala dos primeiros socorros, e já começara a abrir o invólucro da ligadura quando se imobilizou subitamente. Para quê? Este tipo vai morrer.

E quando a palavra explícita finalmente surgiu, ele sentiu os órgãos do abdómen ficarem gelados. Uma camada de gelo branco espalhou-se do fígado ao estômago e do estômago ao intestino. Desenrolado, o intestino delgado tem um comprimento de seis a oito metros. Mais de três vezes a altura de uma pessoa. Tem um diâmetro de três centímetros, embora a dimensão não seja uniforme em todas as idades. O intestino delgado divide-se em duodeno, jejuno e íleo. Este conhecimento infundiu Eytan de uma calma estranha, uma calma branca e gelada. Deteve-se no intestino delgado. Examinou-o. O seu interior, por exemplo, aumenta com as projeções digitiformes intituladas «vilosidades». Esta estrutura multiplica por 500 a área interna do intestino delgado, atingindo os 250 metros quadrados. Impressionante. Pura e simplesmente impressionante. Agora admirava realmente os seus estudos. Um muro em forma de conhecimento que se erguia entre si e aquela palavra tão suja, «morrer». Este homem vai morrer.

Tens de ligar para o Soroka, disse para si, para enviarem uma ambulância. Para prepararem a sala de operações. Para avisarem o Prof. Tal.

E chamarem a polícia.

Porque é o que eles farão. É o que fazem sempre que são avisados de um acidente rodoviário. O facto de o médico que assiste ser por acaso o condutor que bateu não mudava nada. Chamariam a polícia, a polícia viria e ele explicaria que estava escuro. Que não se

via nada. Que não havia qualquer razão para esperar que alguém andasse pela estrada àquela hora. Liat ajudá-lo-á. Não seria em vão que era casado com uma inspetora sénior da polícia de Israel. Ela explicar-lhes-ia e eles compreenderiam. Tinham de compreender. Era verdade que ele conduzia a uma velocidade muito superior à permitida, e sim, não dormia havia mais de 20 horas, mas aqui a irresponsabilidade era do eritreu, ele não podia imaginar que estivesse ali alguém.

E o eritreu tinha algum motivo para pensar que tu estivesse aqui?

A voz de Liat era fria e seca. Já a ouvira falar assim, mas sempre com outros. Com a mulher da limpeza, que acabou por admitir ter roubado os brincos de pérola, com o mestre-de-obras, que reconheceu ter inflacionado os preços. Como ele gostava de imaginá-la no trabalho, dirigindo um olhar distante e divertido ao inquirido à sua frente, leoa indolente a brincar um pouco com a presa antes de a atacar. Mas agora via-a à sua frente, os seus olhos castanhos pregados no homem no chão. E depois erguendo-se para ele.

Olhou novamente para o eritreu. O sangue escorria da cabeça manchando a gola da camisa. Se tivesse sorte, o juiz contentar-se-ia com umas semanas apenas. Mas não poderia continuar a operar. Isso é certo. Ninguém empregaria um médico condenado por homicídio. E a comunicação social, Yaheli, Itamar, Liat, a sua mãe e as pessoas que cruzaria por acaso na rua.

O eritreu continuava a sangrar, como de propósito.

De repente, soube que tinha de sair dali. Agora. Aquele homem já não podia ser salvo. Iria tentar salvar-se a si.

A possibilidade pairava no ar da noite, simples e clara: entrar no jipe e pôr-se a mexer dali. Eytan estudou-a à distância, tenso, seguindo os seus movimentos. E eis que saltou e agarrou-o, agarrou-o totalmente, um pânico gélido e premente que lhe gritava aos ouvidos: para o jipe. Já!

Mas, nesse momento, o eritreu abriu os olhos. Eytan ficou paralisado. O ar tornou-se mais rarefeito e a língua sabia-lhe a lixa. Aos seus pés, mesmo junto aos sapatos com solas ortopédicas que comprara no Duty Free, jazia o eritreu com o crânio esmagado e os olhos escancarados.

Não olhava para ele, estava simplesmente ali deitado e olhava para o céu, olhava com uma concentração tal que Eytan não conseguiu deixar de dar uma olhadela para cima, para o ponto que ele fitava, talvez lá houvesse alguma coisa. Não havia lá nada. Apenas uma lua deslumbrante, um céu azul profundo e cintilante, como se alguém o tivesse editado com o *Photoshop*. Quando voltou a olhar para o chão, os olhos do eritreu estavam fechados e a sua respiração era serena. A respiração de Eytan era rápida e agitada, o corpo tremia todo. Como podia sair dali com os olhos do homem ainda abertos, ainda passíveis de se abrirem? Mas, por outro lado, olhos abertos não querem dizer nada, muito mais diz o fluido cérebro-espinal que já não se limita aos ouvidos, corre também do nariz e espuma da boca. Os membros do eritreu estão rígidos e encolhidos, na postura dos descorticados. Mesmo que Eytan quisesse, não havia sequer um átimo de vida pelo qual lutar. De verdade.

E, de facto, parecia que o eritreu aceitava o seu estado com a conhecida placidez africana, como provava a concordância em manter os olhos fechados, limitando-se a respirar calmamente e tendo estampado no rosto um esgar não muito diferente de um sorriso. Eytan olhou outra vez para ele antes de se dirigir para o jipe. Já estava convencido de que o eritreu sorria para si, com os olhos fechados em sinal de aprovação.

Eytan Grin está a passar por um período de escolhas difíceis. Sacrificando os seus princípios e uma carreira promissora de neurocirurgião, aceitou transferir-se da capital, Telavive, para a desolada Be'er Sheva, no meio do deserto israelita. Agora, numa noite de lua cheia, ao conduzir o seu jipe por estradas de terra batida, atropelou um homem, um refugiado eritreu, e fugiu, deixando para trás um corpo moribundo e, sem querer, a sua carteira. No dia seguinte ao acidente, porém, apresenta-se à sua porta uma mulher, bela e de pele negra, que exige um inesperado preço pelo seu silêncio, precipitando Eytan numa nova vida de mentiras e segredos.


Com um registo próximo do livro de *suspense*, *Despertar os Leões* transporta o leitor para o universo de amor e violência, vergonha e desejos proibidos que ocultamos no nosso interior.

«Um romance sofisticado, negro e ousado, que desafia os leitores a confrontarem-se com os seus próprios valores e preconceitos.»

THE NEW YORK TIMES BOOK REVIEW

«Arrebatador... com reviravoltas e revelações dignas de um *thriller*.»

THE SUNDAY TIMES

ELSINORE entre nós e as palavras 20 20 editora	ISBN 978-999-564-323-3  9 789895 643233 Literatura Traduzida
YOU ARE WELCOME TO WWW.ELSINORE.PT	